



## ***Intolerâncias, violência religiosa - a demonização do diferente<sup>1</sup>***

## ***Intolerance, religious violence - the demonization of that which is different<sup>2</sup>***

***Oneide Bobsin***

Professor na Faculdades EST, São Leopoldo, RS.

### **Resumo:**

A Faculdade EST participou do Projeto de Pesquisa sobre Intolerância e Violência Religiosa<sup>3</sup> nas tarefas de consultoria e na realização de entrevistas<sup>4</sup>, além de ser apoiadora do mesmo ao lado da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI). Em vários estados da federação aconteceu um levantamento sobre os casos de intolerância e violência religiosa na mídia e junto aos órgãos do Judiciário e do Ministério Público que são responsáveis pelos direitos humanos. Embora significativos os dados alcançados, percebe-se a invisibilização da intolerância e da violência. Assim como a violência doméstica, ainda privatizada e invisibilizada em grande parte, a intolerância e a violência religiosa, sofrem com a falta de socialização das informações por parte das instituições do Estado para as vítimas. Avançamos na legislação, mas ela é pouco conhecida da população e, acima de tudo, das vítimas e de seus agressores.

O presente artigo faz uma leitura dos dados colhidos juntos às Ouvidorias do setor público e busca a formulação de um quadro teórico ainda introdutório sobre uma das possíveis causas da violência religiosa e da intolerância em discursos religiosos marcados pela Batalha Espiritual no âmbito da Teologia da Prosperidade. Assim, vamos em busca de pistas interpretativas no campo da religião para entender os dados do RIVIR.

**Palavras-chave:** Intolerância. Violência Religiosa. Direitos Humanos

### **Abstract:**

The Faculdade EST participated in the Research Project about Intolerance and Religious Violence<sup>5</sup> in the tasks of consultancy and in carrying out the interviews<sup>6</sup>, besides supporting this Project together with the Organization of Ibero-American States (OEI). In various states

<sup>1</sup> O presente artigo foi desenvolvido a partir da apresentação de um comentário no programa de apresentação do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015), na 8ª Reunião Ordinária do Comitê Nacional de respeito à Diversidade Religiosa. Seminário Laico de Intolerância e Diversidade Religiosa, que aconteceu em São Paulo, em 1 dezembro de 2016, como o apoio da OAB.

<sup>2</sup> The article was developed based on the presentation of a commentary of the presentation program of the Report on Religious Intolerance and Violence in Brazil (2011-2015), at the 8th Ordinary Meeting of the National Committee with respect to Religious Diversity. Lay Seminar on Intolerance and Religious Diversity which happened in São Paulo, on December 1st of 2016, as support for the OAB.

<sup>3</sup> RIVIR – Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015). Resultados Preliminares, apoiado pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da juventude e dos Direitos Humanos. Assessoria de Direitos Humanos e Diversidade Religiosa. A apresentação do RIVIR ainda de forma preliminar se deve ao seu encerramento prematuro em razão da mudança de governo com o impedimento da presidente Dilma Rousseff. O RIVIR é inédito.

<sup>4</sup> Como docente da EST fiz parte do Grupo Consultor e a estudante de Musicoterapia, Graziela Pires, como entrevistadora em mídias no âmbito do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> RIVIR – Report on Religious Intolerance and Violence in Brazil (2011-2015). Preliminary results, supported by the Ministry of Women, Racial Equality, Youth and Human Rights. Consultancy of Human Rights and Religious Diversity. The presentation of the RIVIR, even though in a preliminary way, is due to its premature shutdown because of the change in government due to the impeachment of Dilma Rousseff. The RIVIR is unprecedented.

<sup>6</sup> As a professor of EST I was part of the Consulting Group and the Music Therapy student, Graziela Pires, was the interviewer in medias within the area of Rio Grande do Sul.

of the federation a survey was carried out about the cases of religious intolerance and violence in the media and in organs of the Judiciary and the Public Prosecutor's Office which are responsible for human rights. Although the data acquired was significant, one perceives the invisibilization of intolerance and violence. As with domestic violence, still privatized and mostly invisibilized, religious intolerance and violence suffer from the lack of socializing information on the part of the institutions of the State to the victims. We have advanced in the Legislation, but it is little known among the population and above all by the victims and their aggressor. This article does a reading of the data gathered at the Ombudsman of the public sector and seeks a formulation of a theoretical framework which is still introductory about one of the possible causes of religious violence and intolerance in religious discourse marked by the Spiritual Battle in the area of Prosperity Theology. Thus, we will seek interpretative leads in the field of religion to understand the data of the RIVIR.

**Keywords:** Intolerance. Religious Violence. Human Rights.

O Estado laico tem de garantir que eu possa demonizar o outro.<sup>7</sup>  
Pastor Silas Malafaia

Guias cegos! Que coais o mosquito e engolis o camelo.  
(Mateus 23,24)

## Ouvidorias e seus dados

Sigo em parte a orientação do professor Alexandre Fonseca, coordenador do projeto. Ele sugeriu a cada integrante do quadro dos consultores comentar aspectos do Relatório. A mim coube comentar dados colhidos junto às Ouvidorias dos órgãos de Estado. Quando recebi esta indicação do coordenador já tinha lançado suspeitas sobre um tema que poderá se tornar uma referência para o debate a respeito das motivações para a violência religiosa e a intolerância: A Teologia da Prosperidade vincula-se ao tema da Batalha Espiritual, como intuído acima. Durante nosso debate pretendo fazer alguns comentários sobre este tema, ou seja, a demonização do outro através do exorcismo mediante o dízimo. Como prova do meu envolvimento preliminar com o tema, cito algumas obras já lidas.<sup>8</sup>

O que chama atenção na análise dos dados relativos às Ouvidorias de Direitos Humanos<sup>9</sup> e outros órgãos do Estado é a breve descrição da concepção de Estado de Pierre Bourdieu, segundo a qual ele não pode ser considerado um bloco homogêneo. Sendo um campo em disputa, há formas diferenciadas de se lidar com o tema em destaque. Assim, ao considerar o levantamento para este relatório os órgãos de Ouvidoria e instâncias públicas que recebam denúncias, é importante a reflexão de que o Estado não pode ser visto como sujeito de uma ação, pois tal seria personalizar uma entidade coletiva cuja existência, inclusive, é ilusória. O Estado não é um bloco único, mas um conjunto de

<sup>7</sup> IHU. Entrevista com Ronaldo Almeida. Bancada evangélica reflete a sociedade; conservadora, violenta e desigual. *IHU on line*, edição 449, 07/julho 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias-2015/544309-qbancada-evangelica-reflete-a-sociedade-conservadora-violenta-e-desigualq>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>8</sup> CRUZ, Sharles. *Da Batalha Espiritual à Fé Reformada como Práticas Terapêuticas*. São Leopoldo PPG –est, 2011. (TCC do Mestrado Profissional em Teologia) O trabalho faz um crítica balizada, também sob o enfoque psicanalítico. Fui o segundo corretor do TCC. OROPEZA, B. J. *99 Perguntas sobre Anjos, demônios e Batalha Espiritual*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000. SHERMAN, Sean. *Batalha Espiritual Para Todo o cristão*. Belo Horizonte: Editora Betânea, 1993.

<sup>9</sup> RIVIR, p. 24.

campos e forças que podem ser interpretados e vividos pelos agentes que os compõem como mais estadistas ou mais liberais. É, portanto, espaço de luta e não de neutralidade.<sup>10</sup>

Colocada, assim, a moldura dos diversos setores do Estado na abordagem da violência e da intolerância, reiteramos a invisibilidade da violência religiosa e intolerância, a não ser em casos onde a mídia trata de casos “espetaculares”, conforme o RIVIR. Provavelmente, falta uma metodologia de escuta dos milhares de casos que são invisibilizados. Suspeito, no entanto, que não basta devolver uma metodologia de registo e análise de dados. Os cidadãos e as cidadãs talvez estejam sofrendo calados com tanta intolerância já naturalizada. Por exemplo, não há um critério de avaliação que permita traçar uma linha nítida entre liberdade religiosa e a demonização do outro, entre proselitismo e violência simbólica, entre o que é religião e um produto mercadológico. Contudo, o RIVIR constata, e de forma correta, que “o combate à intolerância religiosa tem alcançado uma positiva resposta no âmbito público”.<sup>11</sup> Mas precisamos avançar muito como Estado e Sociedade para que agressores e pessoas agredidas cheguem aos tribunais.

Para que se possa ter uma visão dos dados da pesquisa, já que no momento ainda não se sabe da publicidade dos dados, vamos expô-los e comentá-los sem a transposição de gráficos e tabelas. Iniciamos com a Tabela 2 que revela o número de denúncias colhidas em ter 2011 e 2015 por diversos órgãos do Estado. Assim, o leitor e a leitora deste artigo poderão fazer outras interpretações dos dados. A tabela abaixo dá um quadro estatístico sobre denúncias recebidas por uma diversidade de órgãos de âmbito de Estado. Tais dados mostram a relevância de uma política pública em âmbito de Estado, especialmente com a existência das Secretarias de Direitos Humanos.

Tabela 2. Número de denúncias recebidas pelas Ouvidorias por órgão (2011-2015).

Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania Sejusc – AM	20
Secretaria de Direitos Humanos	756
Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Estado do ES	19
Ouvidoria da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos de PE	1
Ouvidoria Geral do Distrito Federal	9
Ouvidoria do Ministério da Justiça	5
Ouvidoria Geral da União	10
Ouvidoria da Câmara Municipal de Salvador	18
Ouvidoria do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro	83
Ouvidoria do Ministério Público do Estado de São Paulo	110
<b>TOTAL</b>	<b>1.031</b>

<sup>10</sup> P. Bourdieu, 2014, Apud RIVIR, 2016, p. 57.

<sup>11</sup> RIVIR, 2016, p. 56.

No gráfico 16 são relevados os tipos de danos denunciados pelas vítimas. Danos materiais alcançam a cifra de 6%; danos físicos, 7%. O maior número trata-se de danos psicológicos, que alcançam 87%.<sup>12</sup>

A pesquisa também revela o Gênero das vítimas sobre intolerância e violência religiosa, conforme Ouvidorias. O gráfico 21 mostra a seguinte situação: homens, 51%; mulheres, 48%. Há um baixo número de transexuais, que talvez não confere com a realidade, por várias razões não comentadas no Relatório. Alcançam a cifra de 1%. Já o gráfico 23, que analisa a cor das vítimas, traz dados que permitem fazer uma boa análise da situação étnico-racial. As vítimas são assim classificadas: 17%, Preta; 2%, Indígena; 47% Parda e 34, Branca. Ressalvo que estamos usando a terminologia da pesquisa, embora pareça estranha o uso da classificação ‘preto’ para afro-descendentes. Destaca-se, no entanto, o número significativo de “pardos”.

Em continuidade a pesquisa perguntou pela religião das vítimas, conforme gráfico e também pela região dos agressores, a partir de Ouvidorias. Há um alto índice sem informação, com 35%. Boa parte das vítimas são pessoas de Matriz Africana, alcançando 27%. O percentual entre as vítimas evangélicas alcança 16%. Há outros dados importantes para saber das vítimas de diversas igrejas e religiões. 8% são católicos, 7% espíritas, 2% ateus; 2% do Islã e 15 de judeus.<sup>13</sup>

Os dados que sobressaem permitem traçar um perfil das situações de violência e de intolerância. A exemplo da violência doméstica contra mulheres e crianças, a violência religiosa e a intolerância acontecem em casa – 36%, seguidos de 11% na Comunidade, 10% na internet e 11% na rua, segundo o gráfico 17. Destacamos as categorias acima de 10%. Outra característica sobre as vítimas: “a maioria das vítimas se declara branca e parda, e pertence, em grande parte, às religiões de matriz africana. Em segundo lugar, estão as pessoas vinculadas ao mundo evangélico, seguidas de católicos e espíritas.<sup>14</sup> Na mesma perspectiva, a relação entre vítima e agressores é permeada pela proximidade. Os dados revelam que 27% são entre vizinhos; 23% entre familiares, 11% na escola, em relação aos professores, e 9% na mídia. Reunindo os dados sobre vizinhança, familiares e escola, percebemos que o grau de proximidade entre vítima e agressor ultrapassa 60%. Nestes casos, os agressores se valem de relações primárias ou secundárias. Certamente, a maioria das vítimas está diante de uma situação extremamente constrangedora no que tange ao esforço para denunciar o agressor.

Com os dados sobre a religião dos agressores, temos um gráfico com dados bastante coerente com os que acima mencionados, conforme gráfico 28. Se acima colocamos que 27% das pessoas vítimas são de Matriz Africana, entre os agressores perfaz 1%. Os evangélicos perfazem 17% dos agressores, aproximando-se, assim, um percentual muito próximo ao número de vítimas neste universo multivariado de tendências afins. Três por cento dos católicos estão entre os agressores, 1% de espíritas, 1% de ateus. Sem informação alcançou maior cifra, com 73%<sup>15</sup>. Certamente, temos aí

---

<sup>12</sup> RIVIR, 2016, p. 64.

<sup>13</sup> RIVIR, 2016, p. 69.

<sup>14</sup> RIVIR, 2016, p. 68.

<sup>15</sup> RIVIR, 2016, p. 70.

um dado bastante questionador. Logo, estamos diante de uma minoria que se manifestou. Em pesquisa sempre é bom escutar o silêncio, já que aproximadamente 90% da população brasileira anuncia-se pertencente a alguma organização religiosa.

### **Conflitos Religiosos e Etnocídio**

Os dados apresentados e brevemente comentados acima não são suficientes para justificar categorias de acusação bem definidas a partir de variáveis como gênero, religião e cor das vítimas e dos agressores. Por esta razão necessitamos fazer algumas problematizações antes de tratarmos do objetivo do nosso artigo: analisar a concepção religiosa da Batalha Espiritual, como uma das causas recentes da intolerância e da violência religiosa. Por exemplo, 17% dos agressores do universo pesquisado são evangélicos e 27% de Matriz Africana são vítimas. No entanto, há uma maioria branca entre as religiões de matriz africana e negros ou pardos fazem parte do universo evangélico. Os contingentes de vítimas de negros e pardos passam de 60%, o que caracteriza um forte preconceito étnico-racial, embora mais de um terço do universo pesquisado é de cor branca, como vítimas.

Como não era objetivo da pesquisa uma análise qualitativa sobre as causas da intolerância e violências religiosa, não se pode exigir dela uma reflexão sobre uma correlação entre religião e cor das vítimas tão nítida como aparece no campo religioso brasileiro quando igrejas, principalmente neopentecostais, se pautam pela Batalha Espiritual, que a seguir caracterizaremos para lançar luz sobre os dados.

O regime de verdade é próprio das religiões. Mas em muitos casos ainda estamos falando de religiões? Especialmente quando grupos religiosos se subordinam à política ou a interesses econômicos. Novamente estamos diante da dificuldade: o que é religião? Rubem Alves certa vez disse: a religião que perde a transcendência torna-se política. Ele disse isto no contexto da discussão sobre Marx e a religião<sup>16</sup>.

### **Batalha Espiritual – Nota Explicativa**

Antes de uma avaliação externa do conceito ao campo religioso em parte, vamos tentar caracterizar a Batalha Espiritual com alguns posicionamentos de insiders, seguida de alguns comentários teológicos um tanto críticos a esta visão de mundo que separa nitidamente às pessoas entre libertas e demonizadas. Como diz a capa de uma obra que analisa a Batalha Espiritual a partir de uma leitura bíblica um tanto fundamentalista, estamos em tempo de guerra, de guerra espiritual. Sean Shermann, que narra sua atuação missionária em Papua Nova-Guiné, afirma: “nós apreciamos conflitos, aventuras e situações de tensão porque fomos criados para participar do maior de todos os conflitos – a luta do bem contra o mal.”<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> ALVES, Rubem. A Ciranda dos Deuses – entre universidade e povo. In: *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 103-143, p. 107.

<sup>17</sup> SHERMAN, 1993, p. 22.

Embora as religiões não deixam de ser sistemas simbólicos de nomeações do bem e do mal, é importante demonstrar como o missionário acima mencionado faz a nomeação da ação de satanás através de situações demoníacas.

Naquele dia entendi que eu nunca teria dificuldade para convencer as pessoas de que os maus espíritos existiam, nem naquele país, nem em outros lugares da Ásia, do Pacífico e da África. Aquela gente convive com eles diariamente e muitas vezes a olho nu. Hoje em dia até mesmo nos Estados Unidos há muitas pessoas famosas que estão buscando aconselhamento junto a videntes e médiuns que falam de coisas do passado e até modificam a voz ao falar.<sup>18</sup>

Sempre é interessante notar a nomeação que missionários de nosso mundo branco do Primeiro Mundo fazem das realidades religiosas de outros povos. De certa forma, o cristianismo parece estar acoplado ao mundo branco e patriarcal, com fortes traços de uma civilização ocidental que coloniza outros povos. Tal colonização assume uma dimensão exorcista, mesmo quando se reconhece que a tão propalada secularização faz água porque tais espíritos e demônios invadem o nosso ocidente.

Em nosso contexto brasileiro a pregação exorcista de novas igrejas reedita de outra forma o processo colonizador procurando fazer tabula rasa das experiências de povos não “desenvolvidos”, que um dia chegarão no mesmo patamar que USA e Europa. Assim, o missionário se torna uma força colonizadora tentando suprimir as experiências espirituais dos povos não “evoluídos”. O missionário, ao lado de outros agentes, impõe um modelo de civilização, amplamente embutido em sua ação missionária. Em nosso caso, não precisamos nos limitar às missões em outros contextos não cristãos. Em nosso país, a guerra espiritual é declarada contra as práticas religiosas tidas como não cristãs. Isto é, demoníacas. Tantas as vítimas destas ações quanto os seus “evangelizadores” têm uma cosmovisão muito semelhante: não há céu de brigadeiro. O céu está povoado de demônios e espíritos maus e bons. Assim, a cosmovisão é a mesma. A diferença está na hierarquização de espíritos ou demônios. No entanto, a guerra espiritual assumida por tendências protestantes fundamentalistas, carismáticas católicas, pentecostais e neopentecostais pautam-se por um dualismo ou maniqueísmo. De um lado está o Espírito Santo; do outro, os demônios que invadem a vida das pessoas impedindo, de modo geral, a prosperidade com um viés bem consumista neoliberal.

Ainda destacamos com brevidade o trabalho de Wanderley Rosa sobre o dualismo corpo e alma, embora os que defendem a demonização do diferente ou do outro veem o corpo como um lugar onde se inscreve o bem e mal. Assim sustentada pela Confissão Positiva, originária dos Estados Unidos sob a influência de Essex W. Kenyon, por volta de 1940, a pobreza é vista como decorrência do pecado e da idolatria. Pelo viés da idolatria, a Batalha Espiritual precisa quebrar as maldições hereditárias e outras vinculadas a determinados lugares. Antepassados e determinados espaços geográficos precisam ser libertados. “É preciso conhecer esses pecados dos antepassados, libertá-los, para que seus descendentes prosperem. Além disso, é necessário “tomar posse” da vitória através da

---

<sup>18</sup> SHERMAN, 1993, p. 74-75.

confissão positiva.”<sup>19</sup> Logo, que impede o processo de tomada de posse vinculam- aos demônios, que precisam ser exorcizados.

Entre muitas pessoas expoentes desta cosmovisão dualista está Neuza Itioka, aqui destacada por ser alguém de alta formação acadêmica, bem demonstrada em sua famosa obra *Os deuses da Umbanda*. Itioka apresenta uma compreensão científica sobre as religiões no Brasil. Tem um amplo conhecimento das nossas manifestações religiosas nas perspectivas sócio-antropológicas. Fez bacharelado em Educação pela USP. Vejamos como ela inicia a sua obra:

Numa das escolas mais cobiçadas pelos universitários do Brasil, conhecida como lugar onde se reúnem os melhores e mais capacitados jovens da nação, foi neste lugar que tive o meu primeiro encontro dramático com um espírita, em forma de pessoa endemoninhada, necessitando de libertação. Isso aconteceu quando eu participava do ministério estudantil. Foi neste período que vi o misticismo penetrando em cada “campus universitário”, bem como no mundo acadêmico.<sup>20</sup>

Na primeira parte de sua obra focaliza o que chama de “baixo espiritismo”, ou seja, a umbanda. Demonstra, assim, um conhecimento científico da religião no Brasil, embora já se denuncia ao falar em “baixo espiritismo”, o qual combaterá em suas mais diversas manifestações na parte teológica de seus livros. Itioka combate abertamente as práticas religiosas a partir da sua visão do Espírito Santo, o qual se coloca contra feitiços. Assim ela manifesta a sua visão iconoclasta:

Como tratamos no capítulo 4, ídolos, imagens, pedras, pilares, símbolos e palavras podem-se transformar-se em objetos de focalização dos demônios. Eles se transformam em incorporações e veículos de poderes demoníacos. Para proteger-se destes poderes destruidores, Deus proibiu terminantemente que seu povo tivesse contato com eles, em forma de culto e ainda comandou que os israelitas os destruíssem: ‘... o meu Anjo... te levará....aos cananeus... e os destruir.’<sup>21</sup>

A autora e expoente da Batalha Espiritual, ou guerra espiritual, não está sozinha em sua tarefa. Em sua dissertação de mestrado, Sharles Cruz, fala das raízes históricas deste fenômeno situando-o na década de trinta com o missionário inglês James O. Fraser, que atuou como no interior da China. Mais tarde apareceram Peter Wagner, Frank Perretti, Rebecca Brown, Marilyn Hickey, entre tantos outros, comentados por Cruz em seus trabalhos, realizado no Mestrado profissional da EST.<sup>22</sup>

O trabalho de Sharles Cruz é uma análise histórica e crítica da Batalha Espiritual a partir de uma visão teológica e psicanalítica. No campo teológico se sustenta em teses semelhantes ao do teólogo Augusto Nicodemos Lopes, sobre o qual, a seguir, faremos algumas considerações por ser alguém do mundo evangélico, de raiz protestante calvinista, que faz uma crítica bíblico-teológica da guerra espiritual. Diríamos que é uma crítica a partir de dentro, de cunho teológico, o que não estou

---

<sup>19</sup> ROSA, Wanderley. *O dualismo – Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editoria, 2010. p. 140

<sup>20</sup> ITIOKA, 1987, p. 5

<sup>21</sup> ITIOKA, 1987, p. 203.

<sup>22</sup> CRUZ, 2011, p. 11-23. Fui co-orientador do trabalho.

fazendo neste texto que se insere numa perspectiva das Ciências da Religião. Nicodemos Lopes reconhece que “Satanás nos ronda como um leão faminto e que seus demônios procuram, sempre que possível, nos assaltar, tentar, afligir e nos levar ao pecado. Mas, como veremos mais adiante, espíritos malignos não são a única explicação bíblica para os males que ocorrem no mundo.”<sup>23</sup>. Assim, no decorrer de sua obra o referido autor se pergunta pelas causas econômicas, políticas e psicológica do que muitos denominam de possessão ou endemoninhamento.

Por fim, Nicodemos faz diversas críticas como insider e procura, no caso de objetos e símbolos religiosos, reduzir sua visão ao cristianismo reformado, o que é negado pelos defensores da Batalha Espiritual, que veem em objetos a presença de demônios, como no animismo:

As religiões empregam objetos e utensílios em seus cultos ou práticas como símbolos de realidades espirituais ou portadores de poderes mágicos. O culto cristão, em contraste, é bem mais simples. Ele emprega apenas dois símbolos materiais, a água do batismo e os elementos da Ceia (pão e vinho).

Assim, as breves considerações feitas até aqui servem de ponte entre os dados acima comentados e a busca de uma hipótese segundo a qual a Batalha ou Guerra Espiritual não se resume a um mero conflito religioso entre forças do bem e do mal. De fato, a intolerância e a violência religiosa, transcendem o campo religioso a partir de “categorias de acusação” já aventadas pelo RIVIR.

Neste conflito, se sobressai o uso de categorias de acusação (Velho, 1981). “Macumbeiro”, “demônio”, “diabo”, e, porque não, “evangélico” são palavras usadas de modo pejorativo. Cada um destes termos se amplia como um símbolo catalizador de crítica e negação sobre um modo de vida, uma visão de mundo. Organiza-se assim um sistema acusatório, baseado no mais das vezes em emoções e em um plano inconsciente de compreensão, que demarca fronteiras no espaço social<sup>24</sup>.

Não se pode, pois, negar que o sistema acusatório em alguns casos se materializam em violência física, a pessoas e a templos, especialmente os de tradições de Matriz Africana e Umbandista. Em algumas cosmovisões, como já mencionado acima nas considerações sobre Guerra ou Batalha Espiritual, as agressões transcendem o campo religioso, suscitando questionamentos dos limites entre cultura e religião, entre bens religiosos e mercadorias. Neste sentido, devemos nos perguntar se alguns sistemas não estão destruindo o patrimônio de povos tidos como não civilizados, indo muito além de uma evangelização marcada por alteridade. Quem melhor, a meu ver, percebeu que o conflito transcende o campo da religião, foi a filósofa Maria Lúcia Montes, que merece uma longa citação:

A demonização das religiosidades afro-brasileiras que se reproduz nesse contexto assume características de verdadeiro etnocídio, porque se estende, para além do universo religioso, à totalidade de um patrimônio cultural negro, preservado ou recriado ao longo dos séculos de história no Brasil, e que sempre constituiu um universo de significados partilhados,

<sup>23</sup> LOPES, s/d., p. 67.

<sup>24</sup> RIVIR, 2016, p. 56

permitindo a construção positiva de uma identidade de contraste. Diante de uma religião que se apropria em negativo de todo um conjunto de símbolos que conformam o etos e a visão de mundo próprios às religiosidades afro-brasileiras, na situação limite em que a violência se transforma em terror, o que é grave é que não sobra às pessoas nenhuma opção, sejam elas brancas ou negras. Ou se serve ao desígnio do Maligno, ao se manter qualquer contato com esse universo cultural demonizado, ou se está do lado de deus, que agora só tem uma face.<sup>25</sup>

Em outras palavras destacamos que há uma incorporação do outro com um sinal negativo, segundo a mesma autora.

Se tivéssemos mais tempo seria interessante retomar a tese de Renato Ortiz sobre a legitimação da umbanda na sociedade brasileira. Basta mencionar o título do livro: *A morte branca do feiticeiro negro*<sup>26</sup>. Assim, com estas palavras Ortiz expressa o branqueamento das religiões africanas. Talvez, a influência kardecista pode se constituir num fator responsável pela “morte branca” do feiticeiro negro, ainda não percebida como genocídio. Inspirado neste jogo de palavras, mas analisando os mecanismos de resistência de quem está sendo incorporado pelo oposto, escrevi *A morte morena do protestantismo branco*.<sup>27</sup> Com a inversão do jogo das palavras de Ortiz pretendo mostrar que quem sofre violência ou intolerância, no caso religioso, não se torna uma pessoa passiva. No entanto, ela reelabora sua visão de mundo em condições, muitas vezes, adversas. Há hierarquias. Estas mutilam certos patrimônios religiosos e culturais, pois não há diálogo entre opressor e oprimido.

Antes de concluir podemos exemplificar com recortes de uma entrevista feita por Graziela Pires, já referida acima, que focou na narrativa de um Pai de Santo sobre a violência e intolerância sofridas num grande movimento do povo de religião de Matriz Africana para derrubar, na Assembleia Legislativa Gaúcha<sup>28</sup>, a segunda tentativa de criminalizar o sacrifício de animais por conta da rediscussão da Lei de Proteção aos Animais.

Quais os sentimentos envolvidos em relação à violência e/ou intolerância religiosa sofrida?

(...) Nós chegamos a colocar 8 mil pessoas na Assembleia Legislativa. Nós trouxemos ônibus do interior. Eu viajei pro interior. Viajei pra Uruguaiana, 6 horas de viagem, quase morremos no carro dormindo. Era de manhã né Mãe Vera ? Acampamos na praça, ocupamos a praça da matriz. Nós colocamos 3mil pessoas na câmara municipal. E, em todo o momento tu só vai achar, aqui na Zero Hora.

<sup>25</sup> MONTES, Maria Lúcia. *As Figuras do Sagrado – Entre o Público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 87.

<sup>26</sup> ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1979.

<sup>27</sup> BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco. Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. In: BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL/IEPG/CEBI 2002, p. 39-63. O debate foi intenso e está disponível online numa grande variedade de participações de lideranças religiosas das Religiões de Matriz Africana e os que combatiam o sacrifício em nome de leis de proteção dos animais

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/04/deputados-derrubam-projeto-que-proibe-sacrificio-de-animais-em-rituais.html>>. Acesso em: 26 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.sindbancarios.org.br/povos-de-terreiro-conquistam-maioria-na-assembleia-legislativa-para-derrubar-pl-que-proibe-sacrificios-de-animais>>. Acesso em: 27 dez. 2016. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=aCCroZPaM4g>>. Acesso em 27 dez. 2016.

(...)nós parávamos o centro de Porto Alegre. Nós literalmente parávamos. Nós colocamos...nós fizemos uma caminhada na Assembleia que tu olhava a Calda Júnior, eu acho que é. A que desce do lado do shopping... aquela que desce do lado do shopping Rua da praia. Tu olhava de cima até lá a Siqueira Campos, completamente cheia a rua de irmão de fé. Não teve uma reportagem, não foi televisionado. Então é isso... essa invisibilidade que a Mãe Vera usou muito oportunamente a palavra, que eu tento falar desde o início.

O que pode ser feito para evitar a violência e a intolerância religiosa no Brasil?

(...)As instituições não reconhecem as legislações que amparam nós. Então eu sou do conselho Negro. Sou do Conselho Municipal do direito do povo Negro. É muito triste quando se trata de política do negro porque tu tem que tá sempre com um retorno, tem que ter sempre...pra tu conseguir qualquer coisa, tem que ta sempre negociando, tem que ta sabe? Fazendo uma permuta, ta cedendo, porque se não tu não consegue. Em compensação nós estivemos o prefeito que declarou Porto Alegre é a capital de Jesus Cristo e nós tivemos ... etnias muito mais fracas, menores em porcentagem populacional que tem direitos muito mais constituídos.

O líder religioso continuou a sua entrevista citando um deputado federal gaúcho, defensor da bancada ruralista, que, numa manifestação pública, colocou negros, quilombolas, MST, LGBT, em tons preconceituosos como “tudo o que não presta”. O referido deputado da bancada ruralista tem sintonia com outro deputado, Alceu Moreira (PMDB), também gaúcho.<sup>29</sup> O Pai de Santo revela em sua fala como os órgãos do Estado lidam com as acusações contra o povo dos terreiros. No caso específico, ele está em conversa com a Secretária de Educação do Rio grande do Sul.

A secretaria, a secretária de Educação do Estado, fui falar sobre a lei 10.639 com ela. “Essa coisa de negro ficar achando que é perseguido, de negro ficar achando que existe racismo, aí isso é coisa do passado. A escravidão acabou gente” E eu, então secretária, porque a lei não é cumprida? É uma lei! Uma lei Federal que norteia o Estado e norteia o município. Lei 10.639 que não é cumprida. Por quê? “Tudo pra vocês é racismo!” Secretária, se a nossa lei fosse cumprida, não estaria cumprindo uma agenda com a senhora solicitando que a lei fosse cumprida. Não é racismo? Se isso não é racismo, o que é racismo? Não cumprir uma lei federal não é racismo? Agora o branco tem todas as leis cumpridas. Por quê

## Considerais Finais

De forma alguma o texto que estamos concluindo quis reduzir a violência religiosa e a intolerância quantificadas no RIVIR a percepções religiosas de igrejas de cunho fundamentalista. A Batalha ou Guerra Espiritual, associada à expulsão de demônios – ritos comuns em templos e em programas de televisão, está vinculada à Teologia da Prosperidade. Quem impede o sucesso na família, na empresa, no trabalho e em tantos espaços da luta pela vida são os maus espíritos e demônios, via de regra associados às religiões de Matriz Africana, à umbanda e, em menor grau, ao

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://mobilizacaonacionalindigena.wordpress.com/2014/02/12/deputado-ruralista-diz-que-quilombolas-indios-e-homossexuais-sao-tudo-o-que-nao-presta-e-defende-que-fazendeiros-usem-armas>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

espiritismo. Os maus espíritos ou demônios ‘amarram’ as pessoas ao insucesso, fracasso e doença, impedindo-as de romperem com tradições religiosas comunitárias, distintas do neoliberalismo religioso. Libertar as pessoas destes maus espíritos vincula-se ao sacrifício do dinheiro em forma de dízimos e outras doações. Assim, o sucesso de uma igreja/religião dizima a outra. Evidente que estamos fazendo um trocadilho com a palavra “dizimo”

Acima intuímos algumas questões que merecem ser retomadas até aqui em forma de perguntas. Até onde determinadas práticas religiosas em guerra contra outras religiões, especialmente as de origens africanas e afro-brasileira estão circunscritas ao campo religioso? A tese de etnocídio, de Maria Lúcia Montes, ponto alto de nosso texto, indica que estamos salvo engano, para além do que definimos por religião. Sendo assim, caberia ao Poder Judiciário, com ajuda de especialistas em religião, se perguntar se ainda estamos diante de um caso estritamente religioso? Assoma-se a isto uma outra questão: as práticas de acusação e violência transcendem o indivíduo. São práticas coletivas, de organizações com atuação no espaço privado e público, socializado por meio de compra de espaços na televisão como concessão do Estado.

Ficamos, pois, com duas questões abertas. O fato analisado neste texto ainda pode ser caracterizado como religião? Estamos insistindo nesta hipótese. Os estudiosos da religião devem contribuir para problematizar tal questão, a fim de contribuir com os responsáveis pela interpretação da leis e aplicação das mesmas sustentadas pelo capítulo quinto da Constituição federal. Segunda, de caráter mais mercadológico: determinadas práticas religiosas que demonizam certas religiões e seus fiéis são bens simbólicos ou mercadorias? Assim, encerraria com um prognóstico de Marx e Engels, no Manifesto Comunista, de 1848, que parece muito atual se o aplicarmos nas transformações dos sacerdotes e outros profissionais e do próprio fenômeno religioso:

Onde quer que tenha conquistado o Poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Ela despedaçou sem piedade todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus ‘superiores naturas’, para só deixar subsistir entre os homens, o laço frio do interesse, as cruéis exigências do ‘pagamento a vista’. Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalhresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas gélidas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu numerosas liberdades. Conquistas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma explicação aberta, cínica, direta e brutal.<sup>30</sup>

Mas o cálculo egoísta fez perder a aura sagrada das profissões, transformando os profissionais em serviçais da burguesia. Os sacerdotes, hoje pastores midiáticos, foram e estão sendo transformados em vendedores de bens religiosos no mercado da fé.

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores

---

<sup>30</sup> MARX, k; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: CHED, 1980. p. 11.

assalariados. A Burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias.<sup>31</sup>

Mais do que nunca é necessário discernir os espíritos. A olho nu não sabemos se é a mão invisível do mercado ou a mão da divindade que move o coração e mente dos fiéis. As batalhas espirituais em nosso solo brasileiro ou em outras grandes religiões monoteísta como o cristianismo seguem o lema de W.W Bush após o atentado de 11 de setembro de 2001: Ou vocês estão conosco ou estão contra nós

Ao Estado, o poder secular, “tem a obrigação” de cuidar bem de todos os cidadãos, independentemente de seu credo. Deve promover o bem, a justiça e a paz, cumprindo exatamente assim um mandato divino (cf. Rom 13.1ss). Proibiu-se à religião apropriar-se das funções do Estado. O resultado seria uma tirania cruel.”<sup>32</sup> Buscar uma referência num teólogo protestante não implica em excluir tantos posicionamentos de outras religiões presentes por ocasião da apresentação do RIVIR, no mesmo horizonte, a favor da tolerância e contra a violência.

Cinco séculos depois, com a ajuda do aparato midiático sob a égide do neoliberalismo se atualiza ou se mascara a bula Romanus Pontifex, de janeiro de 1454, do papa Nicolau V, exposta tão bem por Darcy Ribeiro com sua tese de que Espanha e Portugal foram impérios salvacionista. A bula papal confirma a tese de Ribeiro:

Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que nosso dileto infante d. Henrique, incendiado no ardor da fé e zelo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo à sua fé não só os sarracenos, inimigos dela, como também, quaisquer outros infiéis. Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muitos mais. Por isto nós tudo pensando com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outros, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade próprio e dos seus descendentes. (...) Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado.<sup>33</sup>

Hoje, a Batalha ou Guerra Espiritual mudou para outras organizações religiosas comprometidas com o “mundo”, mas o sentido da colonização do outro, do diferente, pelo negativo mantém o mesmo sentido do século XV, apesar dos avanços na luta contra a intolerância e violência religiosa, está avançando pelo planeta.

---

<sup>31</sup> MARX; ENGELS, 1980, p. 21.

<sup>32</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. Sabedorias da Fé Num Mundo Confuso. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014. p. 30.

<sup>33</sup> RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 39-40.

## Referências

ALVES, Rubem. A Ciranda dos Deuses – entre universidade e povo. In: *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco. Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. In: BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL/CEBI/IEPG, 2002.

\_\_\_\_\_. Protestantismo e religiosidades contemporâneas. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (ORG.). *Protestantes, Evangélicos e (NEO) Pentecostais: história, Teologias, Igrejas e Perspectivas*. São Paulo: Fonte Editoria, 2013.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Sabedorias da Fé Num mundo confuso*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religiosidade Midiática e Novos Paradigmas de Cristianismo e de Culto em tempo de Cultua Gospel. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (ORG.). *Protestantes, Evangélicos e (NEO) Pentecostais: história, Teologias, Igrejas e Perspectivas*. São Paulo: Fonte Editoria, 2013.

CRUZ, Marcos Peçanha. *Batalha Espiritual*. Conhecendo as Armas Espirituais de Deus. Rio de Janeiro: M. P. Da Cruz, 2005.

CRUZ, Sharles. *Da Batalha Espiritual à Fé Reformada como Práticas Terapêuticas*. São Leopoldo, EST/PPG, 2011.

ITIOKA, Neuza. *Os Deuses da Umbanda*. São Paulo: Associação do Ministério Ágape Reconciliação, 2004.

LOPES, Augusto Nicodemos. *O que você precisa saber sobre Batalha Espiritual*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1979.

OROPEZA, B. J. *99 Perguntas sobre Anjos, Demônios e Batalha Espiritual*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: CHED, 1980.

MONTES, Maria L. *As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado na religiosidade Brasileira*. São Paulo: Calor Enigma, 2012.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem vencerá esta guerra? In: Debates do Número 1. Porto Alegre: UFRGS, 1997, p. 10 – 36.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RIVIR – Relatório sobre Violência Religiosas e Intolerância no Brtasi (2011-2015). Resultados Preliminares. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade racial, da juventudo e dos Direitos Humanos, 2016.

ROSA, Wanderley. *O dualismo – Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editoria, 2010

SHERMAN, Dean; PAVNE, Bill. *Batalha Espiritual: Para Todo o Cristão*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1993.

ZYLBERSZTAJN, Joana. “O Princípio da Laicidade na Constituição federal de 1988. São Paulo: Faculdade de Direito da USP, 2012.